



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

## “O QUE TU VÊS É FORÇA”: DEBATES SOBRE O CORPO NA TRAJETÓRIA DE UM GINASTA TALENTOSO<sup>1</sup>

Ariane Corrêa Pacheco, Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física  
(GESEF/UFRGS), [arianepacheco@gmail.com](mailto:arianepacheco@gmail.com)

Maitê Venuto de Freitas, Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física  
(GESEF/UFRGS), [venutodefraitas@gmail.com](mailto:venutodefraitas@gmail.com)

Bruna Brogni, Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF/UFRGS),  
[b.brogni@hotmail.com](mailto:b.brogni@hotmail.com)

Luis Ignácio Moreira Lima, Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física  
(GESEF/UFRGS), [luismoreira.ad@gmail.com](mailto:luismoreira.ad@gmail.com)

Marco Paulo Stigger, Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física  
(GESEF/UFRGS), [stigger.mp@gmail.com](mailto:stigger.mp@gmail.com)

### RESUMO

*Por meio de um relato sobre a trajetória de um ginasta, descrita a partir de quatro pontos que indicam mudanças e conexões, nos colocamos na direção de problematizar etnograficamente o ‘corpo um ginasta talentoso’ como algo produzido, um híbrido, que também mobiliza outros elementos e vínculos nas práticas cotidianas do esporte de alto rendimento.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Corpo; Esporte; Híbrido.*

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como base uma pesquisa etnográfica, cujo objetivo central foi investigar como a noção de talento esportivo vem sendo produzida e sustentada por determinadas práticas e coletivos ligados à Educação Física<sup>2</sup>. Na órbita das discussões, suscitadas no decorrer de um processo de doutoramento, uma primeira consideração se trata de demarcar que nesse estudo o talento esportivo foi considerado como uma noção ‘em aberto’ e ‘em movimento’. Isso significa que operamos com uma ideia de talento como algo

---

<sup>1</sup> A pesquisa a partir da qual produzimos este recorte contou com o financiamento da CAPES.

<sup>2</sup> PACHECO (2017).



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

que estaria em permanente produção e dependendo dos arranjos e associações entre diferentes elementos, localizados em determinados coletivos, poderia ganhar formas, significados, explicações e, nesse percurso, colocar outros atores ‘em ação’<sup>3</sup>.

Foi por esse caminho interpretativo que passamos a elaborar relativizações sobre argumentos e comprovações ligadas à natureza, dentre as quais o talento poderia advir de certa combinação de características biológicas, ou para as explicações relacionadas à cultura, cujas análises sugerem que elementos simbólicos e sociais se sobrepõem como fatores que demarcam a trajetória de destaque de determinados atletas. Além dessas duas perspectivas, ao buscarmos referências que nos ajudaram a provocar uma tensão em categorias com cultura e natureza, também nos colocamos em um processo de questionar propostas que sugerem uma intermediação entre essas duas correntes, uma terceira via interpretativa apontada por Gaya *et al* (2015), que indica ser a somatória de ‘fatores’ biológicos e sociais a base de formação e ascensão de sujeitos identificados como talentosos.

Buscando uma linha de análise que permitisse olhar para a produção do talento esportivo ‘na prática’, especificamente aqui nos referimos ao dia a dia do treinamento de alto rendimento de um Clube Esportivo da cidade de Porto Alegre, passamos a considerar que o talento esportivo poderia ser pensado como um híbrido<sup>4</sup>, como um elemento que vai sendo coproduzido por um conjunto de conexões heterogêneas. No recorte que aqui estamos apresentando, direcionaremos nosso olhar especificamente para a trajetória do Mateus<sup>5</sup>, considerado um ‘talento da GA’ no Clube, com a intenção de analisar como a identificação desse ginasta talentoso foi ganhando materialidade em sua constituição corporal, forjada através de um processo mediado por diferentes atores.

Direcionar o olhar para essa trajetória nos ajuda a dialogar com possibilidades de análise sobre o corpo como elemento constituído a partir de uma multiplicidade de associações e intervenções. Nesse sentido, serão as conexões que foram sendo produzidas,

---

<sup>3</sup> Dentro dos limites deste texto, cabe considerar que essa colocação parte da aproximação com a esteira de debates de Bruno Latour (1994; 2011; 2012), especialmente aqui considerando um processo de atuação de humanos e não-humanos que operam na construção de vínculos e na associação de interesses, produzindo, nesse caminho de arranjos, o que consideramos como ‘fatos’, ‘enunciados’ e ‘caixas-pretas’ que levam outros atores a agir.

<sup>4</sup> Neste trabalho, a noção de híbrido está vinculada a um quadro interpretativo que Latour (1994) denomina como ‘não moderno’.

<sup>5</sup> Utilizamos nomes fictícios.



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

especialmente pelo lugar dos pesquisadores no trabalho de campo, que ganharão destaque no processo analítico. Esse caminho interpretativo está na direção de trabalhos como o de Latour (2008), Arendt e Costa (2005) e Silbermann (2016), os quais nos oferecem uma possibilidade de leitura sobre o corpo nem como substância (natureza), nem como construção discursiva (cultura), mas como algo produzido e que também produz determinados vínculos.

## 2 METODOLOGIA

Para este recorte, acionaremos os diários de campo relacionados a participação nos treinamentos da GA e uma entrevista realizada com o treinador de Mateus que, à época da pesquisa, também era um dos coordenadores da seleção brasileira masculina da modalidade. Ao recorrermos a esses materiais, analisados etnograficamente, estamos nos colocando na direção de seguir os vínculos produzidos pelas pessoas e elementos que percebemos ‘atuar’ na trajetória desse ginasta. Essa proposta, simultaneamente teórica e metodológica, está ligada a uma perspectiva de pensar o trabalho etnográfico a partir da noção de ‘ator-rede’<sup>6</sup>.

A escolha por evidenciar os rastros da trajetória desse atleta está relacionada a duas situações: a primeira se refere a identificação do Mateus como um talento da GA, algo que era unânime durante as observações e nas entrevistas realizadas com outros cinco treinadores(as) da modalidade no Clube; a outra situação foi a entrevista com treinador do ginasta, pois quando entramos no assunto sobre o ‘talento de Mateus’, ele sorriu e afirmou que “o que tu vêes no Mateus é força” (Entrevista com Paulo, 21.12.2016). Foi a articulação entre essas informações que a trajetória de Mateus foi se mostrando significativa para pensar os caminhos de produção desse ginasta sendo atravessado por uma ‘potencialidade corporal’ e, ao mesmo tempo, pela noção de ‘talento esportivo’.

## 3 UM PROCESSO DE PRODUÇÃO DE UM GINASTA TALENTOSO

As observações no ‘ginásio da GA’ aconteciam em horários que poderíamos encontrar um maior número de equipes compartilhando daquele espaço. Estar naquele ginásio era frequentar, durante três dias na semana, uma rotina de equipes infantis, juvenis e adultas,

---

<sup>6</sup> Trata-se de um conceito que nos oferece uma possibilidade de ‘seguir’ pessoas, objetos e controvérsias olhando para os vínculos que são produzidos em suas ‘atuações’ e que caracterizam mudanças e movimentações (LATOUR, 2012; 2016).



femininas e masculinas, divididas entre horários de treinamentos físicos, técnicos, aulas de balé, consulta com psicólogos, sessões de fisioterapia e exames médicos. Naquele dia a dia também nos deparávamos com constantes avaliações sobre desempenhos, corpos (uns expostos e outros cuidadosamente cobertos), pesagens, mais meninas do que meninos, competições, filmagens, a corda (e a tensão sobre ‘quem conseguiria subir até o final’), “testes de coragem”<sup>7</sup>, brincadeiras com elementos ginásticos, regulamentos e comandos como “sustenta”, “vai, segura”, “olha a ponta do pé”, “cuidado com a postura” e, dentre tantas expressões, estava a evidência de que “ginasta faz força”.

A rotina de Mateus, assim como de todos os atletas das equipes, era constituída pela presença e permanência naquele ginásio durante seis dias por semana. No entanto, ao olhar para sua trajetória, identificamos quatro pontos que compreendemos como ‘nós’ que envolvem a associação de interesses, conectam elementos que produzem a formação desse ginasta e constantemente atravessam a constituição de seu corpo.

Durante a entrevista com Paulo, conversamos sobre o processo de entrada do Mateus no Clube. Entre os seus relatos, o treinador colocou que o ginasta chegou à equipe ‘através de uma indicação’, feita por outro professor, que ‘olhou’ para o Mateus durante um dia de competições estaduais. Ao relatar o momento inicial de contato com o Mateus, o treinador acrescenta que “no primeiro dia ele chegou e já tinha um ombro largo, que é uma característica pra ginástica masculina, um indicador bom pra gente ver, um cara forte, corajoso, explosivo, a gente bateu o olho, “**não, é esse aí**”, tanto que ele treinou um pouquinho e eu já puxei”. No destaque desse trecho estamos considerando que são acionados os primeiros investimentos de uma trajetória na GA. No processo de considerar que ‘era o Mateus o talento’, mobilizaram-se interesses dos treinadores, do atleta, um projeto de alto rendimento, planejamentos, possibilidades de alcance de pontos nas competições a partir da ‘potência’ que Mateus demonstrava ter e que era utilizada para produzir novas conexões.

A partir do andamento da rotina de treinamentos e a chegada do Mateus na categoria adulta, outro ponto tensão se referia ao planejamento das séries de exercícios a serem desenvolvidos nas competições. Nessa questão, Paulo coloca que “a **ginástica é uma balança**, é um jogo entre o que tu vai mostrar e o que tu vai perder com aquilo que tu vai

---

<sup>7</sup> As expressões que estão colocadas entre aspas são falas dos interlocutores relatadas nos diários de campo.



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

mostrar. Quem é o melhor? O que equilibrar esses itens. Na minha planilha eu tinha condição de saber exatamente o que ia acontecer, nossa margem de erro foi menos 0,02%”. Cabe considerar que nessa ‘balança’ estavam sendo equilibradas as análises sobre o que Mateus poderia fazer, mas também o que os outros atletas fariam, as relações entre equipes, os regulamentos, as interpretações da arbitragem, o nervosismo dos campeonatos, a disputa para garantir a Bolsa Atleta e tantos outros elementos que se ‘bem equilibrados’ dariam maiores chances desse ginasta ‘se manter’ no esporte.

Durante as observações em campo percebia certa preocupação com o conflito entre Mateus se dedicar aos treinos e envolver-se com atividades fora da GA. Nesse ponto, retomado na entrevista com Paulo, o treinador coloca que “**sabe o que tem de ruim pro Mateus aqui? Que ele é o melhor.** [...] eu tenho que colocá-lo em ambiente que tem cara melhor que ele”. Nessa frase do treinador estavam inseridas as ‘preocupações’ com a dedicação de Mateus com os treinamentos e uma ‘formação’ que também era produzida por um processo de ‘espelhamento’, no qual se refletem e comparam performances, corpos, experiências e escolhas de treinamentos que são produzidas para cada rotina e que também articulam diferentes interesses.

Por fim, um último ‘nó’ a considerar envolve certa articulação de uma trajetória para esse ginasta que estava demandando uma série de intervenções para colocá-lo entre ‘outros atletas’, algo que o retiraria da rotina do Clube, mas que o deixaria mais próxima das possíveis articulações que Paulo alcançava através da coordenação da seleção brasileira. Se, durante a entrevista, o treinador relatou que seu trabalho na seleção era “**fazer com que funcionasse a máquina**”, coordenando uma equipe multidisciplinar, ginastas, políticas, famílias, números, expectativas e projetos olímpicos, no Clube estava se produzindo uma expectativa de vincular Mateus a essa máquina e, nesse mesmo processo, sustentar uma expectativa de potencial ginasta para os Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao evidenciar determinados pontos da trajetória de Mateus, podemos destacar que quanto mais nos aproximamos das situações em que demandava um ‘rápida’ identificação sobre o seu ‘talento’, a ênfase estava colocada sobre o corpo desse ginasta. Assim, o talento passava a se materializar em suas características biológicas e evidenciar-se, por exemplo, na



# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO

'pureza' de sua 'força' e dos 'ombros largos'. Ao olharmos para os interesses, vínculos e articulações, isto é, para a produção desse talento, tais elementos, se tornavam tão construídos quanto o planejamento das competições e dependentes de cada arranjo localizado nesse coletivo.

## "WHAT YOU SEE IS STRENGTH": DISCUSSIONS ABOUT THE BODY IN THE TRAJECTORY OF A TALENTED GYMNAST

### ABSTRACT

*By means of a story about the trajectory of a gymnast, described from four points that indicate changes and connections, we put ourselves in the direction of the questioning of ethnographically 'talented gymnast body' as something produced, a hybrid, it also mobilizes other elements and links in the daily practices of high-performance sports.*

KEYWORDS: *Body; Sport; Hybrid.*

## "LO QUE VES ES LA FUERZA": DEBATES SOBRE EL CUERPO EN LA TRAYECTORIA DE UN TALENTOSO GIMNASTA

### RESUMEN

*Por medio de un relato sobre la trayectoria de una gimnasta, descrita a partir de cuatro puntos que indican cambios y conexiones, nos colocamos en la dirección de problematizar etnográficamente el 'cuerpo un gimnasta talentoso' como algo producido, un híbrido, que también moviliza otros elementos y enlaces en las prácticas diarias del deporte de elite.*

PALABRAS CLAVE: *Cuerpo; Deporte; Híbrido.*

### 5 REFERÊNCIAS

ARENDDT, R.J.J.; COSTA, C.A.M. O corpo como fe(i)tiche - possíveis contribuições do pensamento de Bruno Latour para a Psicologia. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.47-74, 2005.

GAYA, A. et al. Talento Esportivo: teoria e prática. *Anais...* Congresso Internacional dos Jogos Desportivos, Belo Horizonte, Minas Gerais, p.411-436, 2015.

LATOUR. B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. 152p.

# IX CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

VII CONGRESSO ESTADUAL  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

I CONGRESSO ESTADUAL DE ATIVIDADE  
FÍSICA, SAÚDE E TREINAMENTO



LATOURE, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J.A.; ROQUE, R. (orgs.). *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Afrontamento, 2008. p.39-61.

LATOURE, B. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. 3ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 460p.

LATOURE, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-rede*. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012. 400p.

LATOURE, B. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. In: SEGATA, J.; RIFIOTIS, T. (orgs.). *Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura*. Brasília, Joinville: ABApublicações, 2016. p. 67-90.

PACHECO, A.C. *TALENTO ESPORTIVO: uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física*. 2017. 177f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILBERMANN, M. O que é um atleta de ponta? Um estudo etnográfico sobre a formação de nadadores em busca da alta performance. In: SPAGGIARI, E.; MACHADO, G.M.C.; GIGLIO, S.S. (orgs.) *Entre jogos e copas: reflexões de uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016. p.285-306.